



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 2 mai.-out. 2020

p. 151-165.

Infâncias, gênero e sexualidade: um panorama bibliográfico de pesquisas com crianças em contexto escolar

(Childhoods, gender and sexuality: a bibliographic overview of research with children in school context)

(Infancias, género y sexualidad: una revisión bibliográfica de las investigaciones con niños en el contexto escolar)

Ana Luisa Lins Brandão¹

Zuleica Pretto²

Rogério Machado Rosa³

RESUMO: O presente artigo analisa os pontos de vista de crianças brasileiras sobre questões de gênero e sexualidade retratados em publicações científicas que tiveram por base pesquisa de campo em que as crianças foram as fontes principais do estudo. Foram selecionados periódicos científicos no campo interdisciplinar voltados para discussões de gênero, sexualidade e feminismo, bem como anais eletrônicos de três edições do evento internacional Fazendo Gênero. Os artigos analisados demonstram que nas escolas as brincadeiras e brinquedos infantis são fortemente atravessadas por estereótipos de gênero e sexualidade e que estes estereótipos atravessam a constituição das identidades das crianças. Isto implica na necessidade de abordagem pedagógica da temática, tanto para promover a ampliação dos repertórios das infantis acerca das dimensões éticas, afetivas e sociais das questões de gênero e sexualidade, quanto para a legitimação da diversidade de gênero e sexual na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; Infância; Pesquisa com crianças.

Abstract: This article analyzed the point of view of Brazilian children about gender and sexuality issues portrayed in scientific publications based on field research. Academic journals in interdisciplinary fields that discuss gender, sexuality and feminism were selected as well as electronic annals concerning three editions of the international event "Fazendo Gênero" (Making Gender). The analyzed articles show that at school children's games and toys are strongly signified by stereotypes of gender and sexuality, which in turn affect the constitution of children's identities. This implies the need for a pedagogical approach to the theme in order to promote the expansion of children's repertoires about the ethical, affective and social dimensions of gender and sexuality issues, as well as to legitimize gender and sexual diversity in childhood.

Keywords: Gender. Sexuality. Childhood. Research with children.

¹ Psicóloga formada pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e em formação em Terapia Relacional Sistêmica pelo Instituto Familiare (Florianópolis/SC).

² Psicóloga e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do Curso de Psicologia na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e de outros espaços de formação. Coordenadora do curso *lato sensu* em Psicologia Existencialista Sartriana (UNISUL). Psicoterapeuta no Espaço Biografias Psicologia (Florianópolis/SC)

³ Psicólogo e doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente do Departamento de Metodologia de Ensino – MEN no Centro de Ciência da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do "Núcleo Vida e Cuidado: estudos e pesquisas sobre violências" - NUVIC/UFSC e do "Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional" – LAPEE/UFSC.



Resumen: El presente artículo analiza los puntos de vista de los niños brasileños sobre cuestiones de género y sexualidad, que habían sido retratados en publicaciones científicas que tuvieron como base investigación de campo con niños como fuentes principales del estudio. Se seleccionaron los periódicos científicos en el campo interdisciplinario, dirigidos a discusiones de género, sexualidad y feminismo, así como los anales electrónicos de tres ediciones del evento internacional “Fazendo Gênero” (“Haciendo Género”). Los artículos analizados demuestran que en las escuelas los juegos y juguetes infantiles están fuertemente atravesados por estereotipos de género y sexualidad, y que esos estereotipos atraviesan la constitución de las identidades de los niños. Esto implica la necesidad de un enfoque pedagógico de la temática tanto para promover la ampliación de los repertorios infantiles acerca de las dimensiones éticas, afectivas y sociales de las cuestiones de género y sexualidad como para legitimar la diversidad de género y sexual en la infancia.

Palabras clave: Género. Sexualidad. Infancia. Investigación con niños.



1. Introdução

A generificação das práticas sociais, culturais e corporais de determinada sociedade apresenta e ensina aos sujeitos condutas arbitrariamente eleitas como 'adequadas'. Nas sociedades contemporâneas, circulam, por meio das instituições – como é o caso da escola –, a ideia de que as referências normativas relativas às práticas sexuais e performances de gênero são consequências 'naturais' das diferenças biológicas entre os corpos dos seres humanos machos e fêmeas. Entretanto, estudos voltados para as temáticas de gênero e sexualidade vêm desconstruindo e reformulando essa hipótese, apresentando a compreensão de que a generificação dos corpos e das práticas sociais trata-se de construção cultural, histórica e política situada em tempos e espaços específicos e que, por isso, são também mutáveis (LOURO, 1997; LOURO, 2008, p. 18). O presente artigo visa contribuir com esses estudos, pois é resultado de uma pesquisa que analisou narrativas e experiências infantis atravessadas por questões de gênero e sexualidade, retratadas em artigos publicados em periódicos científicos do Brasil e nos anais de um seminário internacional sobre gênero, também brasileiro.

As diversas definições do conceito de gênero e suas diferentes utilizações e significações ao longo da história fazem com que seus usos e compreensões sejam resultantes de interpretações, motivações ideológicas e, até mesmo, equívocos, mostrando-se necessário fazer revisões problematizadoras permanentes dessas terminologias e de suas conseqüentes significações. Para a realização das discussões deste artigo, entendemos gênero como as “origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres”, conceito apresentado pela historiadora Joan Scott (1995, p. 75). Nesta mesma direção, também nos apoiamos na proposição da filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2011), na qual a identidade de gênero é uma realização performativa, ou seja, é instituída através da repetição estilizada de atos performativos linguístico-corporais.

As variadas formas que encontramos atualmente de ser homem ou mulher, ser homem e mulher, ou, ainda, não ser homem nem mulher – ou seja, transgredir e (re)inventar fronteiras sexuais e/ou de gênero – são barradas por crenças sociais de que existe uma maneira universal de se viver e experienciar os corpos masculinos e femininos. (LOURO et al, 2000) Esses 'corpos que escapam' à norma provocam inquietações e repercussões nos princípios de uma sociedade conservadora, na qual opera a lógica binária e do corpo sexuado como determinante das identidades de gênero. (BENTO, 2011, p. 551)



Buscando evitar que essas concepções sejam rompidas e visando manter a sociedade dentro da perspectiva cisheteronormativa, as performances de gênero, por serem passíveis de observação, são vigiadas desde a infância. (BENTO, 2011) Os movimentos infantis, suas experimentações e as possibilidades de as crianças se experimentarem nas mais diversas vivências entorno das significações de gênero são muitas vezes negadas e censuradas pelos adultos e por elas próprias. Assim, aprendem a reproduzir comportamentos generificados e são direcionadas e monitoradas por um intenso ‘controle produtor’ de masculinidades e feminilidades, a fim de garantir que esses corpos construam suas identidades de gênero “em sintonia com seu corpo sexuado”. (BENTO, 2011, p. 551)

As noções de pertencimento, reconhecimento e as definições de gênero que as crianças internalizam e aprendem diariamente se dão por meio da “exteriorização de atributos de gênero”, ou seja, por meio de comportamentos, vestimentas, gestos, cores, brinquedos, brincadeiras e outras performances, que são vigiadas por adultos e pelas próprias crianças. (BUSS-SIMÃO; 2013, p. 4) A instituição escolar apresenta-se como um dos primeiros meios sociais das crianças depois do meio familiar e mostra-se como um espaço marcado por uma ‘pedagogia heteroterrorista’, que produz e inscreve diferenças nos corpos e mentalidades infantis, contribuindo para a internalização e a introjeção de concepções rígidas acerca das identidades de gênero. (BENTO, 2011; LOURO, 1997) A naturalização das atribuições dos códigos relativos ao gênero feminino exclusivamente aos corpos das meninas e do gênero masculino aos corpos dos meninos é historicamente reforçado por esta instituição; ocorrendo, principalmente, quando se utilizam as diferenciações sexuais como meio norteador e/ou divisor de suas práticas. (LOURO, 1997)

Crianças que se experimentam e se movimentam de forma não alinhada às normativas de gênero e sexualidade supostamente compatíveis com o seu sexo biológico são frequentemente apontadas como desviantes. A identidade de gênero, social e performaticamente construída, é reiterada por meio de modelos comportamentais estereotipados apresentados tanto pelos adultos como pelas próprias crianças. A inscrição dos códigos hegemônicos de gênero nas experiências e corpos infantis leva aqueles que experimentam a fluidez das identidades de gênero a serem acusados, negados e condenados. (LOURO et al, 2000, p. 21)

Os corpos e subjetividades que se encontram em processo de construção e desenvolvimento são desde cedo regulados pelas instituições que produzem interdições na experiência da infância. Assim, na escola, as normas regulatórias de gênero e sexualidade



apresentam-se como parâmetros que orientam a formação de um tipo idealizado de crianças e de infância. Corpo, mente e afetos infantis devem atender aos critérios de um sistema de classificação que estabelece padrões de sanidade e (in)sanidade, (i)legitimidade e de (a)normalidade. A criança e a infância anormais são, assim, medidas pelo grau de inconformidade com essas mesmas normas.

Assim, a fim de conhecer como as crianças brasileiras, retratadas em artigos científicos resultante de pesquisa de campo, significam e experienciam as questões de gênero e sexualidade no contexto escolar, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfica.

2. Metodologia

A pesquisa da qual deriva esse artigo caracteriza-se como qualitativa, exploratória e com delineamento bibliográfico. Para a sua realização, efetuamos uma revisão da literatura de publicações científicas brasileiras, em específico artigos que apresentam como temáticas principais de discussão os termos gênero e infância. Foram utilizadas como fontes bibliográficas as revistas de circulação online, acesso aberto e gratuito: *Cadernos Pagu*, *Revista Estudos Feministas*, *Revista Gênero*, *Revista Ártemis* e os anais eletrônicos das edições 9, 10 e 11 do evento Fazendo Gênero (únicas disponíveis para acesso *online* na ocasião da pesquisa).

Nestas publicações, realizou-se a busca de artigos científicos publicados entre os anos 2000 e 2018 que discutissem as temáticas de gênero e infância. Como critério de inclusão para a revisão de literatura, foram considerados aqueles artigos que contém em seu título uma ou mais das seguintes palavras-chaves: “infância”, “infantil”, “criança(s)”, “menino(s)” ou “menina(s)”, e que apresentaram como metodologia a pesquisa de campo. Assim, encontramos o total de vinte e cinco artigos para serem analisados, sendo quatro deles pertencentes à revista *Cadernos Pagu*, dois à *Revista Estudos Feministas*, três à *Revista Gênero*, quatro à *Revista Artemis* e doze aos anais eletrônicos das edições 9, 10 e 11 do evento Fazendo Gênero (Edição 9: ‘Dísporas, Diversidades, Deslocamentos’; Edição 10: ‘Desafios Atuais dos Feminismos’; Edição 11: ‘Transformações, Conexões e Deslocamentos, em conjunto com o 13º Congresso Mundos de Mulheres’).

A construção e organização das categorias de análise foram realizadas após a leitura dos vinte e cinco artigos selecionados e norteadas pelos objetivos da pesquisa. A metodologia de análise de dados qualitativos utilizada nesta pesquisa foi a análise de conteúdo de Bardin (1977). As etapas primordiais do processo de análise de conteúdo descritos por essa teoria consistem no



tratamento dos dados por meio de categorização, descrição e interpretação, tendo como objetivo auxiliar a sistematização da análise dos dados da pesquisa.

Após a sistematização dos dados dos artigos lidos neste instrumento, analisou-se esses conteúdos, conferindo os pontos de discussão em comum entre os artigos e sua frequência, avaliando, assim, a relevância desses pontos e ponderando se estavam em consonância com os objetivos geral e específicos traçados anteriormente. A partir disso, foram criadas duas grandes categorias de análise, cada qual contendo subcategorias. São elas: ‘o atravessamento do gênero nas experiências infantis’, que se desdobrou nas subcategorias ‘brincadeiras ‘de meninos’ e ‘de meninas’ e ‘brincadeiras ‘mistas’’. E ‘discutindo gênero e sexualidade com crianças’, contanto com a subcategoria ‘o lúdico como recurso para reflexão dos atravessamentos de gênero e sexualidade nas realidades infantis’. Neste artigo, porém, daremos prioridade analítica apenas à primeira categoria apresentada, bem como às subcategorias dela desdobradas.

3. O atravessamento do gênero nas experiências escolares infantis: brincadeiras ‘de meninos’ e ‘de meninas’

Os brinquedos e brincadeiras infantis apresentam-se como dispositivos significativos nos processos de construção de identidade de meninos e meninas (FINCO, 2010), são fortemente marcados e atravessados pelas diferenciações de gênero e, nos artigos analisados, mostraram-se como norteadores das movimentações infantis; alguns são considerados ‘de meninos’, outros ‘de meninas’ e há uma terceira categoria ‘mista’, que será melhor discutida na próxima subseção. Partindo dessa caracterização e classificação de brincadeiras infantis identificadas em vários artigos, nessa subcategoria será realizada uma análise e discussão acerca das brincadeiras ‘de meninos’ e ‘de meninas’ e suas significações nas culturas e dinâmicas infantis.

As brincadeiras ‘de meninas’ foram caracterizadas por atividades que requerem pouca mobilidade corporal e mostram uma ‘economia de movimentos’, não apresentando necessidade de ocupação de espaços amplos, como quadras de esporte. (ARGUELLO, 2008, p. 79; AUAD, 2005) Além disso, mostraram-se frequentemente voltadas para a função maternal, o amor romântico, os conto de fadas e o embelezamento, contando com elementos como bonecas, casinhas, maquiagens, fantasias, acessórios, entre outros, marcados principalmente pela cor rosa, sendo possível relacionar estas brincadeiras às dinâmicas do “mundo familiar e privado”. (ARGUELLO, 2008; BUSS-SIMÃO, 2013; GODOY; SOSTISSO, 2010, p. 4; TELLES, 2010;



VIEIRA, 2017) Algumas pesquisas, como as de Auad (2005), Sales (2002) e Wenez (2013), apresentaram meninas realizando e demonstrando interesse em atividades diferentes destas citadas e contrárias à afirmação de que elas fazem pouco uso dos espaços e movimentações corporais, como o futebol, queimada, amarelinha, bambolê, pular corda e elástico. Entretanto, estas últimas quatro atividades, apesar de exigirem mais habilidades e movimentações corporais, são muito mais praticadas pelas meninas do que pelos meninos, sendo, de fato, consideradas brincadeiras ‘de meninas’.

Já as brincadeiras ‘de meninos’ foram fortemente marcadas pelas movimentações, expressões e habilidades corporais mais amplas, como atividades que envolvem corrida ou mais relacionadas à prática de esportes, como o futebol e outras brincadeiras com bola, lutas, skate, entre outros. (ARGUELLO, 2008; AUAD, 2005; REHM; PEREIRA, 2017; SOSTISSO, 2010; WENETZ, 2013) Identificou-se que os meninos são mais estimulados a desenvolverem habilidades motoras e espaciais mais amplas, além de conhecimentos vinculados às ciências exatas e lógicas, sendo essa “hiperatividade” masculina uma “celebração cultural”. (ARGUELLO, 2008, p. 79; REHM; PEREIRA, 2017; SOSTISSO, 2010) Os brinquedos ‘de meninos’ foram marcados por figuras como super heróis, alienígenas, robôs, miniaturas de carros e pistas de corrida, espadas e armas, jogos eletrônicos, jogos de montagem e construção, entre outros, sendo as brincadeiras fortemente marcadas por ação, aventura, perigo, força e violência. (ARGUELLO, 2008; GODOY; SALES, 2002; SOSTISSO, 2010; TELLES, 2010; VIEIRA, 2017)

Somos submetidos a essas aprendizagens desde a infância, de maneira que isso aparece de forma explícita nas experiências infantis com brinquedos e brincadeiras, desde a forma como os brinquedos são oferecidos e permitidos, por meio de estereótipos adultocêntricos sexistas, até os momentos em que eles são ‘livremente’ escolhidos pelas próprias crianças. (FINCO, 2010) As indústrias voltadas para a criação de brinquedos, assim como as mídias direcionadas para o público infantil, propagam e direcionam maneiras dos corpos infantis exercerem papéis sociais ‘de meninos’ e ‘de meninas’ e, portanto, formas pelas quais as crianças constituem-se como sujeitos. (ARGUELLO, 2008; TELLES, 2010)

Ao longo de alguns artigos analisados, os marcadores de gênero inscritos nos brinquedos infantis se mostraram presentes nos repertórios de muitas crianças e também nas ações de muitos educadorxs, como forma de demarcar lugares sociais e sustentar identidades de gênero, ainda muito baseadas no determinismo biológico de que certos brinquedos e brincadeiras ‘combinam’



com meninos ou meninas. Godoy e Vieira (2017, p. 4-5) observaram na escola participante da pesquisa que uma educadora havia organizado ‘cantinhos temáticos’ de acordo com o sexo das crianças: ‘casinha’, ‘fazendinha’, ‘carrinho’ e ‘beleza’. Em um dia em que só havia meninas na sala de aula, ela havia organizado somente o cantinho da ‘casinha’, associando que, por serem meninas, se envolveriam exclusivamente com aquela brincadeira. Oliveira, Ribeiro e Esperança (2010) retrataram algo parecido quando apresentam uma cena onde uma menina leva um carrinho de brinquedo para a escola e uma educadora a pede para trazer outro brinquedo, pois aquele não era apropriado para meninas.

Essas pedagogias generificadas (re)produzidas nas escolas constituem as ‘identidades escolarizadas’ dos alunos, que aprendem como podem se movimentar e se experimentar dentro e fora desses espaços, naturalizando as relações sociais e os modos de ser menino ou menina. (FINCO, 2012; GUIZZO, 2007; LOURO, 1997, p. 57; REHM; PEREIRA, 2017; SALES, 2002; SANTOS, 2014; SOSTISSO, 2010) Nesse sentido, Telles (2010, p. 5) apresentou narrativas infantis que representam essa lógica inscrita nas pedagogias e identidades ‘escolarizadas’:

[...] ‘boneca combina mais com as meninas e o boneco combina mais com os meninos (Ronaldo)’, ‘menino brinca de boneco, carrinho, futebol. Quem brinca de boneca é mulher (Bruno)’, ‘Menina gosta de mexer na boneca, colocar roupinha, dar banho e fingir que é nenezinho [...] (Bianca)’.

Ao analisar os brinquedos e brincadeiras infantis, é possível apontar que estes são meios pelos quais as crianças manifestam-se culturalmente e demonstram como e o quanto são atravessadas pelas normas sociais de gênero vigentes. (FINCO, 2003) As identidades de gênero, apesar de serem construções sociais e históricas em torno dos corpos sexuados, são fortemente atribuídas às configurações e diferenciações biológicas dos corpos de maneira que as mais diversas distinções entre homens e mulheres são consideradas ‘naturais’, não devendo, então, ser contestadas. (FINCO, 2010) Esta lógica rígida também está inscrita nas dinâmicas infantis, principalmente nos brinquedos e brincadeiras, como foi apresentado nesse tópico de discussão. Entretanto, as brincadeiras ‘mistas’, categoria de análise discutida a seguir, apontam para novas possibilidades de reflexão sobre as relações de gênero e formas de ser menino e de ser menina no meio social atual.



3.1 Brincadeiras ‘mistas’

A terceira categoria de brincadeiras infantis, denominada como ‘mista’, é a que mais exibiu variações ao longo dos artigos analisados. As ‘misturas’ de meninos e meninas, apresentadas nos artigos das mais diversas maneiras, aconteciam sempre em um espaço ou momento fora da dinâmica habitual da sala de aula, apontando que a segregação e divisão de meninos e meninas é maior dentro das normas deste ambiente. Possivelmente, isto ocorre porque as ações infantis são mais controladas e reguladas por adultos neste local específico. (AUAD, 2005; TELLES, 2010) A partir da leitura e análise dos artigos selecionados, identificou-se que a brincadeiras ‘mistas’ e ‘misturas’ entre meninos e meninas são abordadas como “atravessamento/borrimento de fronteiras de gênero” em muitos deles – como nas pesquisas de Arguello (2008), Auad (2005), Buss-Simão (2013), Cruz e Carvalho (2006), Finco (2012), Guizzo (2007), Rehm e Pereira (2017), Santos (2014), Silva (2013), Sostisso (2010) e Wenzel (2013).

Dentre as variações encontradas nessa categoria de análise, apontam-se as seguintes situações: 1. brincadeiras em que meninos e meninas podem brincar juntos e, de fato, brincam juntos; 2. brincadeiras em que meninos e meninas podem brincar juntos, mas brincam separados; 3. brincadeiras em que meninos e meninas brincam juntos, mas a separação por gênero é condição da brincadeira; 4. meninos ou meninas, frequentemente de forma isolada ou em menor número, juntam-se às brincadeiras e ao grupo do sexo oposto. Identificou-se a partir dessas categorias que há momentos nas brincadeiras infantis em que as fronteiras de gênero se ‘borram’, de maneira que meninos e meninas integram-se e se veem diante de uma relação de igualdade; assim como há situações em que as diferenciações de gênero se acentuam e ressaltam suas oposições. (BUSS-SIMÃO, 2013) Ainda, constatou-se que as brincadeiras não mediadas por brinquedos industrializados, por serem sugestivos e carregados de significados sociais, são mais propícias para meninos e meninas borrarem ou até mesmo atravessarem fronteiras de gênero e, assim, criarem e recriarem de maneiras criativas os “sentidos de gênero”. (TELLES, 2010, p. 3)

Dentre as brincadeiras compartilhadas e realizadas por meninos e meninas sem diferenciação e separação por gênero encontram-se: queimada, futebol, pular corda, dançar, pega-pega, pique bandeira, vôlei, esconde-esconde, brincar no parque, ‘elefante colorido’, ‘ajuda-ajuda’, ‘duro ou mole’ (variações do pega-pega), entre outras. (AUAD, 2005; CRUZ; CARVALHO, 2006; TELLES, 2010, p. 3) Apontou-se nesta categoria que meninos e meninas exercem as mesmas atividades, identificando ainda que estas são brincadeiras que possibilitam as



meninas movimentarem mais os seus corpos e desenvolverem certas habilidades, além de fazerem uso de grandes espaços físicos – características associadas geralmente às brincadeiras ‘de meninos’. (AUAD, 2005; SANTOS 2014)

Em relação a segunda categoria, onde meninos e meninas realizavam as mesmas brincadeiras, mas em grupos separados, referencia-se fragmentos das pesquisas de Telles (2010), Silva (2013) e Wenez (2013), onde meninas demonstraram interesse em jogar futebol ou até mesmo afirmaram que praticam essa modalidade. Nessas pesquisas, as meninas encontravam dificuldade em jogar futebol junto com os meninos por negação, desqualificação ou exclusão por parte deles, por ser um esporte estereotipado e marcado como ‘de menino’: “normalmente é esporte de meninos, por que a maioria das meninas tem medo, né, não é por que não gosta só, tem medo, a gurria cai, e meninos gostam de adrenalina”, “as meninas jogam a bola pra qualquer lado”, “elas ficam todas emboladas num lugar só”. (TELLES, 2010, p. 3; WENETZ, 2013, p. 5)

A pesquisa de Telles (2010, p. 3) demonstrou que na escola participante acontecem campeonatos de futebol onde os times são separados por sexo e a pesquisadora apontou que durante os jogos femininos eram feitos “comentários sarcásticos”, desqualificando as performances femininas no esporte. Nesse contexto, uma participante de sua pesquisa afirmou que os meninos negam a participação das meninas nas partidas de futebol, mesmo quando acontecem fora do período de aulas de educação física, relatando que se quiserem jogar “tem que ser time de menina todo ou então não joga”. (TELLES, 2010, p. 4)

A crença de que futebol é um esporte ‘masculino’ é comum e recorrente na sociedade brasileira, mostrando-se presente também na pesquisa de Silva (2013, p. 6), quando um menino discutiu sobre o futebol feminino e as permitiu jogar dentro de uma condição: “tá bom, elas podem jogar futebol, mas só se for no campo de menina”. Dessa maneira, destaca-se que o desenvolvimento das brincadeiras infantis, principalmente entre meninos e meninas, é atravessada por negociações e relações de poder, onde as identidades de gênero femininas e masculinas e as características socialmente associadas a estas são agrupadas de maneira hierárquica (WENETZ, 2013), como demonstraram estes recortes de episódios relacionados ao futebol.

Em uma terceira categoria de brincadeiras ‘mistas’, meninos e meninas participam das mesmas atividades e brincadeiras, porém a separação por gênero mostra-se como uma condição da brincadeira, como apresentaram as pesquisas de Arguello (2008), Auad (2005), Cabiceira e Moreira (2010), Cruz e Carvalho (2006), Ramos (2017) e Telles (2010). Através de observações



das interações entre meninos e meninas durante o período de recreio escolar, estas pesquisas constataram que nesses momentos predominava uma “mescla de agressividade com elementos lúdicos, com intuito de aproximação”, sendo hipotetizado que essas interações conflituosas entre os dois grupos eram propositais, pois representavam um dos únicos meios de meninos e meninas estarem e brincarem juntos. (CRUZ; CARVALHO, 2006, p. 120-121) Ainda, Cabiceira e Moreira (2010, p. 6) apontaram que esses tipos de interações intrasexo podem significar um certo tipo de jogo sexual onde meninos e meninas “experimentam seus primeiros contatos inscritos na ordem dos desejos e prazeres que envolvem o corpo, a sedução e a fantasia”, ou seja, são interações que podem ter um “sentido sexualizado” implícito e mostram-se como o momento de meninos e meninas demonstrarem ou não seus interesses uns pelos outros.

A quarta e última categoria da análise de brincadeiras ‘mistas’ é aquela na qual meninos ou meninas juntam-se às brincadeiras e ao grupo do sexo oposto. Arguello (2008), Telles (2010) e Ramos (2017) ilustraram situações em que sujeitos pertencentes a um sexo encontravam-se participando com crianças de outro sexo de suas brincadeiras, porém, suas entradas nestas são marcadas pela diferenciação sexual e, por isso, lhes foram atribuídos ‘papéis’ diferentes nas brincadeiras. A partir disso, verificou-se que esses recortes das pesquisas podem pertencer tanto a esta categoria de brincadeiras ‘mistas’, como também da categoria discutida anteriormente – onde a separação e diferenciação dos sexos é um critério para o desenvolvimento da brincadeira.

Na pesquisa de Ramos (2017), o pesquisador, sendo um homem adulto, entrou na brincadeira de algumas meninas de uma turma de Educação Infantil, que brincavam de boneca. Por ele ser pertencente ao sexo masculino e as meninas identificarem isso, por meio de suas vestimentas e características físicas, imediatamente lhe atribuíram o papel de ‘pai da boneca’ e começaram a ‘arrumá-lo’, pois na brincadeira ele iria ‘sair com a namorada’. Esta situação é semelhante a outra encontrada na pesquisa de Arguello (2008), onde um menino entrou na brincadeira das meninas e passou a ser ‘o filho’ de uma delas, prestes a ser levado pela ‘mãe’ para uma partida de futebol. Também nesse sentido, Telles (2010) apresentou em seu artigo uma cena onde os meninos só aceitaram brincar com as meninas quando lhes foi designado os papéis de ‘médicos’ das bonecas, filhas das meninas na brincadeira.

Ainda sobre a quarta categoria de brincadeiras ‘mistas’, identificou-se em algumas pesquisas que meninos e meninas atravessavam fronteiras de gênero de maneira singular, ou seja, apenas um sujeito sozinho ‘migrava’ para as brincadeiras do grupo do sexo oposto, como é



o caso de recortes das pesquisas de Auad (2005), Buss-Simão (2013), Godoy e Vieira (2017) e Silva (2013). Outro ponto relevante dessa categoria são as transgressões masculinas, bastante negadas ou criticadas pelas crianças ou até mesmo por adultos. (BUSS-SIMÃO, 2013; CRUZ; CARVALHO, 2006; GODOY; VIEIRA, 2017; SOSTISSO, 2010)

As pesquisas de Auad (2005) e Silva (2013) ilustraram situações em que meninas, de forma isolada, integraram-se às brincadeiras dos meninos, seja no futebol e corridas ou brincando de personagens masculinos, de maneira que foram aceitas pelo grupo e suas presenças não foram contestadas, como afirmou um dos meninos na pesquisa de Auad (2005): “menina que brinca com a gente”. (AUAD, 2005, P. 42; SILVA, 2013) Já nas pesquisas de Buss-Simão (2013, p. 9) e Godoy e Vieira (2017), foram meninas que juntaram-se ao grupo de brincadeiras ‘de meninas’, permeados por brinquedos, acessórios e vestimentas atribuídos ao sexo feminino, como maquiagens, bonecas, bichos de pelúcia, entre outras, porém estes foram constantemente barrados das brincadeiras por não pertencerem ao grupo: “não, tu é menino Willian, não pode! (passar o gloss nos lábios)”.

A constatação de que as fronteiras de gênero são mais facilmente atravessadas pelas meninas do que pelos meninos foi feita por muitas das pesquisas analisadas. Cruz e Carvalho (2006, p. 140) afirmaram que constantemente meninos precisam encontrar formas “camufladas” para a brincarem e juntarem-se às meninas, formas estas que apresentem “alternativas de ‘saída honrosa’” para não serem alvo de provocações ou até exclusões por outros meninos. Objetivando afastarem-se de atributos ditos femininos, afirmarem suas masculinidades e não serem discriminados, nas observações feitas por Sostisso (2010, p. 5), meninos encontravam-se em uma casinha de bonecas e de forma violenta, desajeitada e proposital jogaram-nas no chão e falavam com estas de forma infantilizada: “nenê qué papá”, “vamo trocá a fraldinha, ta cocô”.

Nas análises realizadas a partir das leituras dos artigos selecionados, identificou-se que a categoria gênero se configura como uma “lente interpretativa” das brincadeiras e interações infantis (SANTOS, 2014, p. 152) e, portanto, como “possibilitador ou limitador das ações sociais das crianças”. (BUSS-SIMÃO, 2013, p. 7). Entretanto, é possível afirmar que a maneira como as crianças experimentam e significam seus corpos é fundamental no desenvolvimento de suas identidades, inclusive de gênero, e as brincadeiras mostram-se como dispositivos importantes nessas elaborações, visto que revelam o papel ativo das crianças nas construções sociais de suas relações. (FINCO, 2010) As brincadeiras infantis, apesar de terem sido



apontadas na maioria dos artigos analisados como permeadas por estereótipos e convenções sociais, apresentam possibilidades de as crianças explorem e experimentem as mais diversas maneiras de ser menino ou menina, principalmente nas brincadeiras ‘mistas’, visto que são momentos mais propensos a sinalizar “corpos que escapam”, ou seja, que transgridem as normas de gênero. (FINCO, 2010, p. 136)

4. Considerações finais

A partir das experiências e narrativas infantis ilustradas em publicações científicas brasileiras e das discussões que estas promoveram, verificamos a relevância de se desenvolver pesquisas sobre gênero e sexualidade na infância, realizadas a partir das experiências com as próprias crianças. Pesquisas dessa natureza contribuem sobremaneira para a afirmação de uma concepção de criança entendida como sujeito ativo, produtor de cultura e sentidos. Logo, a legitimação e visibilidade de suas vivências e percepções acerca das questões de gênero e sexualidade tornam-se decisivas para o processo de ruptura com os estudos tradicionais sobre infâncias – caracterizados preponderantemente por olhares, compressões e direcionamentos adultocêntricos.

No cenário educacional brasileiro atual, as discussões sobre gênero, sexualidade e infância mostram-se ainda mais relevantes e necessárias se considerarmos que no ano de 2017 o Ministério da Educação (MEC) retirou as expressões ‘identidade de gênero’ e ‘orientação sexual’ da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que rege as diretrizes educacionais da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. (BRASIL, 1996; BRASIL, 2017; CANCIAN, 2017). Entre as competências gerais da Base Nacional encontra-se o nono item, que prevê “[...] o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos [...], seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza”. (BRASIL, 2017, p. 8)

A supressão das expressões gênero e sexualidade do texto da BNCC evidencia uma deliberada reação favorável às reivindicações do famigerado discurso da ‘ideologia de gênero’. Isto representa a gradativa substituição de uma abordagem ética, histórica, política e educacional das questões de gênero e sexualidade por concepções morais, místicas, ideológicas e especulativas ao autorizar e legitimar práticas socioinstitucionais inquisitórias, segregatórias, violentas e violadoras dos direitos humanos, que incluem o direito à diferença na infância.



Portanto, estudos dedicados às relações entre gênero, sexualidade, infância e educação na contemporaneidade são cada vez mais urgentes, sobretudo porque, entre outras coisas, assumem um caráter de resistência aos discursos e práticas fundamentalistas que atuam na contramão dos direitos fundamentais estabelecidos pela Constituição Federal brasileira. É necessário reconhecer que a mesma sociedade que constrói seus ‘problemas de gênero e sexualidade na infância’ é quem pode, e deve, contestá-los, modificá-los e transformá-los. As pesquisas interdisciplinares que elegem essa temática como foco cumprem função decisiva nessa empreitada ética, política e pedagógica.

Referências

- ARGUELLO, Z. E. Representações de gênero nos discursos de crianças pré-escolares. *Revista Ártemis*, v. 8, n. 1, p.68-83, jun. 2008.
- AUAD, D. Relações de gênero nas práticas escolares: o aprendizado da separação nas "misturas" no pátio. *Revista Ártemis*, v. 2, n. 1, p.39-49, jul. 2005.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 15 dez. de 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 ago 2020.
- BUSS-SIMÃO, M. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BUTLER, J. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (Org.). *Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica*. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011. p. 69-88.
- CABICEIRA, G; MOREIRA, M. F. S. Outros olhares para o gênero e a sexualidade: desdobramentos para uma infância que fala. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- CANCIAN, N. Ministério tira 'identidade de gênero' e 'orientação sexual' da base curricular. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 2017. Caderno Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/04/1873366-ministerio-tira-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-da-base-curricular.shtml>. Acesso em: 1 de jun. 2018
- CRUZ, T. M.; CARVALHO, M. P. Jogos de gênero: o recreio numa escola de Ensino Fundamental. *Cadernos Pagu*, v. 26, n. 1, p.113-143, 2006.
- FINCO, D. Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. *Pro-posições*, v. 14, n. 3, p.89-101, dez. 2003.



FINCO, D. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças*: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. Tese. (Doutorado em Educação, na área de Sociologia da Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FINCO, D. Homossexualidade e Educação Infantil: bases para a discussão da heterossexualização na infância. *Revista Gênero*, v. 12, n. 2, p.47-63, 2012.

GODOY, K.; VIEIRA, M. P. A construção das identidades de gênero na infância. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466038_ARQUIVO_artigofazendogenero.pdf

GUIZZO, B. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil. *Revista Ártemis*, v. 6, n. 1, p.38-48, jun. 2007.

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação*: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: ed. Vozes, 1997.

LOURO, G. *et al. O corpo educado*: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, v. 19, n. 2, p.17 - 23, 2008.

OLIVEIRA, L. S.; RIBEIRO, P. R. C.; ESPERANÇA, J. A. Narrativas infantis sobre as questões de gênero: problematizando modos de ser menina e menino no espaço da escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

RAMOS, J. (Des)encontros de corpos de crianças e adultos nas brincadeiras infantis. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466038_ARQUIVO_artigofazendogenero.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

REHM, B. G.; PEREIRA, A. S. Demarcações de fronteiras na Educação Infantil: gênero e sexualidade em cena. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SALES, L. S. Escola mista, universo dividido: Identificações de gênero entre crianças de uma escola em Belém (PA). *Revista Gênero*, v. 2, n. 2, p.75-84, 2002.

SANTOS, S. V. S. Percepção, interpretação e negociações das relações de gênero nas brincadeiras de crianças na Educação infantil. *Revista Gênero*, v. 14, n. 2, p.149-170, 2014.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, M. R. P. “Os dois são a Mônica, menino e menina”: reproduzindo estereótipos, transgredindo fronteiras de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SOSTISSO, D. F. Interfaces entre infância, gênero e escola: dialogando com crianças. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

TELLES, E. O. Significados de gênero nos brinquedos e brincadeiras infantis: uma proposta de intervenção nas séries iniciais do Ensino Fundamental. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

WENETZ, I. Meninas, meninos e futebol, quem brinca disso na escola? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013: Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

